

Ermírio é contra a recessão mas não sabe como o Brasil pode evitar o desaquecimento

— Não sou favorável a uma recessão, mas não vejo como segurar uma inflação de 100/110% ao ano. Não vejo como mudar esse quadro sem assumirmos o ônus de uma recessão, ainda que pequena e controlada. E também por isso que acho que, depois de novembro, o Governo vai apertar. E, quando isso acontecer, acredito que muita gente vai **dançar**. Se não for assim, quem corre o risco de **dançar** é o próprio país.

Esse é o pensamento do principal executivo (diretor superintendente) do maior conglomerado industrial do Brasil, o Grupo Votorantin, Antônio Ermírio de Moraes. É dele, também a afirmação de que “a situação atual é extremamente grave, pois pouco se tem feito para evitar que a dívida externa continue crescendo e está chegando a hora em que a nossa pauta de exportações vai ser neutralizada pelo pagamento do principal e dos juros da dívida”.

Antônio Ermírio de Moraes, que expõe esse pensamento e dá o alerta há já algum tempo, não vê na recente modificação da política econômica norte-americana, que trouxe como consequência uma redução nas taxas de juros internacionais e uma melhoria nas cotações das **comodities**, motivo para mudar seu discurso nem o remédio que apresenta para a redução da inflação e para a manutenção do equilíbrio no balanço de pagamentos. “As notícias que nos chegam dos Estados Unidos certamente são animadoras. Mas toda a origem dos nossos problemas não está nos Estados Unidos. A coisa é muito mais interna, mais nossa”, diz ele.

DIAS DIFÍCEIS

Para Antônio Ermírio de Moraes “o deflacionamento não poderá ser feito de uma só vez, já que seria violento demais. Mas, acredito que os brasileiros devem estar preparados para dias muito difíceis nos próximos três anos”. Entretanto, considera da maior importância o engajamento de toda a sociedade brasileira — envolvendo empresa pública, privada, multinacional, o povo, os políticos, já que “o Congresso Nacional não pode ficar alheio”.

“Para sairmos da atual situação exige-se muita seriedade”, explica. “Quando defendo a renegociação de nossa dívida, não é a renegociação pura e simples. Primeiro, vamos chamar empresários do Governo e privados e vamos elaborar o nosso programa de expansão, determinando o que deve ser



feito com recursos próprios ou empréstimos. A nação ficaria sabendo, direitinho, qual o seu futuro a três, cinco anos. O mundo ficaria sabendo aquilo que estamos fazendo. E assim administraríamos nossa dívida externa sabendo exatamente se ela deve ser diminuída ou aumentada. Em tempos, falei com o Senador Tancredo Neves para que se organizasse um movimento no Congresso Nacional com essa conotação, já que o Congresso teria, depois, a responsabilidade de fiscalizar as futuras expansões”.

Antônio Ermírio de Moraes não admite, “de maneira nenhuma, que numa hora de tamanha responsabilidade, de tamanha aflição para o povo brasileiro, se pense na construção de um aeroporto internacional em Belo Horizonte. É uma piada. Mas está sendo construído. E, com que recursos? E como este caso, temos muitos outros. Basta ver o caso do aeroporto de São Paulo — estaria resolvido ampliando-se a pista de Congonhas para mais uns 10 ou 15 anos sem mexer. São atos irresponsáveis, como foi a construção da ponte Rio—Niterói no Governo Medici”.

CLASSE MÉDIA

A inflação de três dígitos, como está aí, “gera um estado de nervosismo não só no empresário, como em seus clientes. Ninguém está satisfeito”, conclui Antônio Ermírio de Moraes. “Se pegarmos a classe média, ela está-se queixando todos os dias da compressão salarial. Antigamente, o sujeito ganhava 20 vezes menos, mas dava para com-

prar e sobrava alguma coisa. Hoje, ele ganha bem mais, mas não sobra nada. Antes pelo contrário, ele é um homem endividado. E o achatamento salarial”.

Defende, a propósito, uma revisão urgente na legislação salarial e cita seu exemplo de empresário: um guarda que hoje ganha Cr\$ 50 mil hoje, estará, em cinco anos, ganhando Cr\$ 150 mil (aos níveis de hoje). Então é hora de substituí-lo por outro, que ganha três vezes menos. Neste caso — numa visão empresarial que não pode ser descartada — a lei está prejudicando o próprio trabalhador. E, o que acontece com o guarda, acontece com o funcionário de nível universitário: começa a ganhar alto e perde o emprego e para se reempregar vai ter de aceitar um salário bem mais baixo.

Simultaneamente, defende a mudança da lei salarial com compensações para o empregado. “Aliviar a pessoa física e sobrecarregar a jurídica”, explica. “No Brasil, por incrível que pareça, a pessoa física já está extremamente sobrecarregada de impostos. Temos o exemplo da conta de energia elétrica, que no Brasil pesa no orçamento do assalariado, quando lá fora não pesa”.

AGRICULTURA

“Para se evitar uma recessão mais violenta no Brasil deve partir-se para um desenvolvimento agressivo da agricultura”, propõe Antônio Ermírio de Moraes. Bastaria uma boa administração dos recursos públicos: “com o dinheiro que se jogou em Tubarão, na Açominas, na Caraiíba Metais, no programa nuclear, teríamos feito um programa de apoio a agricultura e, hoje, o Brasil estaria dando cartas no setor. Mas, partiu-se com tudo para outras soluções — e não deu em nada.”

O problema que diretamente o preocupa é a necessidade de o país gerar, anualmente, 1 milhão 500 mil empregos sem que a indústria nacional tenha para isso capacidade. Finalmente, é contra o subsídio, na medida em que ele representa “uma distorção. Devemos ter a coragem de dar preço final, mas não dar subsídio. Com o subsídio, você está induzindo o empresário a pegar dinheiro subsidiado e a aplicar 50% no seu negócio e os outros 50% em papéis do Governo, que estão rendendo, hoje, em média, 130% ao ano. Porque motivo ele vai arriscar o dinheiro subsidiado todo em seu negócio, com rendimento de 15% ao ano, se pode ter 130%?”